



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Maria Alice Costa Brito**

**POR QUE AS MENINAS PODEM SER AS “PRINCESINHAS DO  
PAPAI” E OS MENINOS NÃO PODEM SER OS “FILHINHOS DA  
MAMÃE?”. APONTAMENTOS SOBRE MASCULINIDADES  
INFANTIS.**

**JUNHO  
2018**

**Maria Alice Costa Brito**

**Por que as meninas podem ser as “princesinhas do papai” e os meninos não podem ser os “filhinhos da mamãe”? Apontamentos sobre masculinidades infantis.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduando em Pedagogia.

Orientador: Alexandre Toaldo Bello

**JUNHO**

**2018**

## **Maria Alice Costa Brito**

**Por que as meninas podem ser as “princesinhas do papai” e os meninos não podem ser os “filhinhos da mamãe”? Apontamentos sobre masculinidades infantis.**

O presente Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) foi julgado adequado e aprovado, em 19 de junho de 2018, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo de pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de junho de 2018

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Laura Torriglia  
Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia

---

Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello (Orientador)

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Alexandre Vieira (Membro titular)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Rogério Machado Rosa (Membro titular)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Laura Torriglia  
(Membro suplente)

Dedico a todos os meninos do mundo, para que possam acima de tudo, serem felizes com quem realmente são e que vivam livres para fazer suas próprias escolhas.

## Agradecimentos

Agradeço a todos que mesmo que indiretamente me deram forças para que esse trabalho fosse finalizado.

Ao meu orientador, por todos os ensinamentos e companheirismo durante esse processo, e também à toda paciência que teve comigo.

À minha mãe, Silmara, pelo apoio e dedicação durante 21 anos da minha vida.

À meu pai, Wolnei, por seu meu maior apoiador e o motivo de eu estar finalizando esse curso.

À minha família pelo carinho e amor incondicional que sempre me demonstraram.

À minha irmã mais nova, Duda, por todas as risadas e força durante essa trajetória, deixo aqui um pedaço da minha música favorita a você. “Mesmo que eu fique cansado e machucado às vezes, está tudo bem, porque eu estou ao seu lado, você e eu, se estivermos juntas podemos sorrir”.

À minha irmã mais velha, Mariana, pelos puxões de orelha necessários e pelos conselhos.

Ao meu companheiro e melhor amigo, Lucas, por estar comigo há cinco anos, e ser a luz do meu caminho e também a parte sã da minha vida louca.

Às minhas amigas do colégio, Marina, Tatiana e Renata, por serem a melhor parte de toda minha trajetória durante o ensino fundamental e médio. E por estarem comigo até hoje.

Às minhas amigas, Alicia, Ana Paula, Beatriz e Gisele, por serem as melhores amigas que a UFSC poderia me presentear e que me ajudaram a não enlouquecer.

## **Resumo**

As discussões sobre as questões de gênero nos ambientes escolares se tornam cada vez mais presentes e importantes para a educação. Esta pesquisa tem como objetivo entender e analisar como as diversas instâncias sociais, em especial a escola, são constituidoras da ideia de masculinidade e como essa forma de constituir essa masculinidade afeta a sociedade em um modo geral. Por meio de uma pesquisa metodológica qualitativa, utilizando textos e documentos sobre masculinidade, gênero e violência. O trabalho foi dividido em quatro partes, na primeira são discutidos os aspectos metodológicos da pesquisa, o segundo trata da construção do conceito de gênero e as relações de poder que estão vinculadas a ele, o terceiro da construção da masculinidade e no último discuto sobre altos níveis de violências envolvendo os homens e quais as possíveis causas e efeitos dessa violência na sociedade.

**Palavras chave:** Masculinidade, Gênero e Violência.

## **Abstract**

Discussions on gender issues in school settings are becoming increasingly and important for education. This research aims to understand and analyze how the various social instances, especially the school, are constitutive of the idea of masculinity and how this form of this masculinity affects society in a general way. Through qualitative methodological research, using texts and documents on masculinity, gender and violence. The work was divided into four parts, where the first is discussed the methodological aspects of the research, the second deals with the construction of the concept of gender and the power relations that are linked to it, the third of the construction of masculinity and the last discusses about high levels of violence involving men, and the causes and effects of such violence in society.

**Keywords:** Masculinity, Gender and Violence.

*“Meninos serão meninos” Até o dia que nós criarmos nossos filhos para praticar exatamente o mesmo tanto de responsabilidade e maturidade que nós atribuímos às nossas filhas antes mesmo de escolhermos seus nomes. Você não ensina, eles não aprendem.*

(Amanda Lovelace)



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. ASPECTOS METODOLÓGICOS: AS TRAJETÓRIAS DA PESQUISA. ....</b>	<b>14</b>
<b>2. GÊNERO COMO CATEGORIA HISTÓRICA E AS RELAÇÕES DE PODER. ....</b>	<b>16</b>
<b>3. A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE: “NÃO SEJA O FILHINHO DA MAMÃE”. ....</b>	<b>20</b>
<b>4. VIOLÊNCIA É COISA DE HOMEM? .....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

Quando eu estava pra nascer  
 De vez em quando eu ouvia  
 Eu ouvia a mãe dizer  
 Ai, meu Deus, como eu queria  
 Que esse cabra fosse homem  
 Cabra macho pra danar  
 “Homem com H”  
 (Antônio de Barros e Cecéu)

Vire Homem. Seja Homem. Homens não choram, são frases comuns que marcam a vida dos meninos, frases essas que forçam os meninos a enaltecem ainda mais a masculinidade que, em certa medida, está sendo imposta a eles. Às vezes parece que a construção da masculinidade é algo inato e que existiria assim uma “essência” masculina a ser seguida.

No documentário “The Mask You Live In”<sup>1</sup> (ou A máscara em que você vive em uma tradução livre, disponível na Netflix) se discute o que a sociedade diz e faz com os meninos e como esses valores afetam a vida desde a infância, no debate proposto no documentário sobre as consequências dos “estereótipos” de masculinidade me deixou motivada a pensar sobre as formas e normas sociais que são, muitas vezes, impostas para esses meninos sobre o que é ser homem. O longa mostra que alguns fenômenos, como a falta de empatia, a homofobia, os altos índices de violência, podem ocorrer com os garotos e como esses podem nos ajudar a compreender os comportamentos que são gerados nos homens adultos.

A diretora apresenta por meio de entrevistas com meninos e homens de diferentes idades e meios sociais dos Estados Unidos, como as cobranças que são feitas para eles, desde muito pequenos, muitas vezes de forma automática e inconsciente, podem refletir diretamente no comportamento dos homens adultos, pode-se pensar que com a finalidade de torná-los homens heteronormatizados. O documentário mostra que, em consequência disso, são comuns aparecerem como vício em excitação e estímulo, uso de bebidas para vincular-se e/ou para expressar suas emoções, uso de drogas, ansiedade, depressão,

---

<sup>1</sup>Documentário sobre a pressão da sociedade sobre aquilo que pode ou não ser considerado "masculino" e como isso pode afetar os nossos jovens. Em comparação com as meninas, pesquisas mostram que os homens dos EUA têm maior probabilidade de ser diagnosticado com um distúrbio de comportamento. Com depoimentos de especialistas, a pergunta que fica é "O que podemos fazer para mudar esses padrões?". (AdoroCinema, 2015) Direção, roteiro e produção por Jennifer Siebel Newsom. Produção executiva por Abigail Disney.

suicídios e envolvimento em crimes violentos como homicídios (índices mostram que todos esses fatores são mais comuns em homens do que em mulheres).

Após assistir o documentário, refleti sobre como muitas vezes é feita a discussão sobre os problemas de como as mulheres são vistas na sociedade e como as meninas são criadas desde pequenas, mas não costumamos discutir sobre os investimentos a que os meninos estão expostos para se adequar ao que é posto como ideal de masculinidade. Não podem chorar por que é coisa de menina, não podem levar “desaforo” para casa, precisam ser fortes. Ser menino não implica somente em ser criança, implica em “aderir” a uma determinada forma de estar no mundo. É uma objetivação constante, toda forma de pensar e de agir pode estar sob investimento. Foi a partir deste documentário que comecei a pensar acerca de minhas percepções, isso me motivou a escrever esse trabalho. Talvez, para além de ter me motivado, trouxe-me incômodos que até então não estavam claros para mim. Elementos que me pareciam nebulosos começaram a ficar mais claros. Entretanto, outros, que até então eram impensáveis, começaram a pulular no conjunto de verdades que comecei a perceber/inventar.

Nesse ponto acho interessante destacar que não acredito em verdades absolutas, verdades únicas que dão conta de explicar a vida. Creio, antes disso, que vivemos em um lugar onde as verdades são transitórias, que elas atuam em conjunto.

Ao longo desse texto estabelecerei reiteradamente paralelos entre meninos e meninas, visto que o conceito de gênero é relacional, ou seja, homens só podem ser pensados em relação às mulheres e mulheres em relação a homem. Mais adiante falarei mais especificamente sobre esse conceito.

Recorrendo às minhas memórias lembro que quando pequena minha prima me dizia que gostaria que fossemos meninos, para que pudéssemos ter a mesma liberdade deles, para brincar, se vestir e ser. Hoje, já adulta, percebo que assim como nós meninas, os meninos também estão “presos” às regras de gênero, essas que parecem ser mais duras que as das meninas, que são impostas pelos adultos. Há sempre uma impressão de que a masculinidade estará em risco se não seguirem as regras.

Hoje vemos muitas mudanças em relação a criação das meninas, para serem fortes, corajosas e decididas, existe uma fronteira mais alargada para a feminilidade, mas pouca mudança se vê no modo de criar os meninos no sentido de deixá-los mais “doces”, menos impetuosos, deixá-los menos soberbos, deixa-los, quem sabe, mais livres para exercitarem outras maneiras de estarem no mundo. Durante meu trajeto pela educação infantil, vi muitas vezes os meninos sendo criados para serem fortes e valentes. Não

podem ter medo de nada, não podem chorar e não podem demonstrar sentimentos. Gloria Stein uma vez falou algo que se diz muito frequentemente a respeito de como criamos os meninos na nossa sociedade: “Nós começamos a criar nossas meninas mais como meninos, mas poucos tem a coragem de criar meninos mais como as meninas”.<sup>2</sup> (Tradução minha)

Acredito ser importante elucidar que minha intenção com esse trabalho não é encontrar justificativas para os atos violentos dos homens, mas, sim, principalmente entender como essas masculinidades são criadas e como esses comportamentos masculinos são postos em movimento. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar como as diversas instâncias sociais, em especial a escola, são constituidoras da ideia de masculinidade e como essa forma de constituir essa masculinidade afeta a sociedade em um modo geral. Mesmo sabendo que existem diferentes possibilidades de masculinidades, ainda se reproduz um modelo hegemônico de masculinidade, a heteronormativa. O modelo de masculinidade hegemônica<sup>3</sup>, que está posto hoje na sociedade, tende influenciar a formação de homens sem empatia, agressivos e que consideram as mulheres inferiores. Homens que precisam reafirmar sua masculinidade a todo momento. Assim “para se afirmarem ou serem aceitos como homens de ‘verdade’(...) passam a dominar todos aqueles que julgam mais ‘fracos’”. (NACIMENTO; GOMES; REBELLO, 2009, p. 6).

Acredito que hoje muito se fala do sujeito masculino, mas sem lidar com a questão de gênero. Ao contrário do que muitos pensam, corroboro com Louro, quando ela nos diz que “se temos poucos trabalhos sobre a educação de meninas e mulheres, talvez tenhamos ainda menos estudos sobre a formação de meninos e homens.” (1992, p. 102).

Nós, como sociedade, contribuimos diretamente para a constituição da forma desses meninos pensarem e agirem, assim vejo que pesquisar sobre essa constituição/formação dos meninos se faz importante para entendermos alguns fenômenos que ocorrem hoje na sociedade, tal como a violência, sendo essa praticada majoritariamente por homens.

---

<sup>2</sup> “We've begun to raise daughters more like sons, but few have the courage to raise our sons more like our daughters.”

<sup>3</sup> Modelo de masculinidade hegemônica pautada em Medrado e Lyra (2002), que trazem o discurso de uma masculinidade branca, heterossexual e dominante. Um modelo cultural inacessível para a maioria dos homens e que exerce um padrão controlador e que exclui o campo emotivo, que é considerado feminino, entre outros fatores.

Ao entendermos o conceito de gênero como categoria relacional de análise (SCOTT, 1990), como uma construção social, passamos a compreender melhor os comportamentos, valores, funções que são atribuídos a mulheres e homens. Isso tudo nos ajuda a romper com a polarização do masculino e feminino e também nos faz desnaturalizar o que antes era considerado como “característica” Masculinas e femininas.

Nesse sentido, busco propor o debate sobre as repercussões dessas representações de masculinidade e sobre a importância de se falar sobre os meninos, para podermos entender a crise da masculinidade que está posta hoje na sociedade. Procuo entender o porquê de as meninas poderem ser as “princesinhas do papai”, e os meninos não poderem ser os “filhinhos da mamãe”, entender o que estamos ensinando aos meninos que reflete direta (ou indiretamente) na sociedade.

## 1. ASPECTOS METODOLÓGICOS: AS TRAJETÓRIAS DA PESQUISA.

Essa pesquisa tem um caráter qualitativo do tipo bibliográfico e documental. Optei por fazer uma pesquisa com esse caráter, pois essa não busca medir informações nem dados específicos, mas sim para buscar entendimentos, mesmo que provisórios, sobre o tema aqui discutido, qual seja, a construção da masculinidade.

Segundo Godoy (1995, p.21) “exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.”. Assim a pesquisa qualitativa é um modo de trazer contribuições importantes aos estudos dos temas. Na esteira dessa argumentação informo que além dos documentos, valer-me-ei, também da produção cinematográfica “The Mask You Live In” para ancorar minhas argumentações.

A trajetória da minha pesquisa se iniciou a partir de uma produção de dados, utilizando diferentes “documentos<sup>4</sup>”, como o Atlas da Violência (2017), a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2016), o Global Study on Homicide (2013) e outros para dar aporte a minha pesquisa, esses possuem uma vasta fonte de informações. A partir dessa pesquisa busquei produzir informações aprofundadas para podermos refletir e discutir sobre o tema apresentado no trabalho.

Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para conseguir discutir e alcançar, minimamente, os objetivos aqui propostos usarei como aporte teórico diferentes pensadoras do gênero, tais como: Connel (2000); Louro (1995); Piscitelli (2009); Scott (1995) e também dados e índices da violência que ocorrem no Brasil e no mundo. Violência essa que é majoritariamente masculina.

O presente trabalho está dividido em três partes, na primeira intitulada de “Gênero como uma categoria história e as relações de poder”, trata da construção do conceito de gênero e as relações de poder que estão vinculadas a ele. Na segunda, intitulada de “A construção da masculinidade: não seja um filhinho da mamãe!”, trato da construção do gênero masculino e o que significa ser homem hoje na sociedade, e, por último, na terceira

---

<sup>4</sup> Utilizo documento entre aspas, pois estou tratando de uma forma mais ampla de diferentes materiais escritos (obras literárias, relatórios e estatísticas)

“Violência é coisa de homem?” que se trata dos altos níveis de violências envolvendo os homens e quais as causas e efeitos dessa violência na sociedade.

## **2. GÊNERO COMO CATEGORIA HISTÓRICA E AS RELAÇÕES DE PODER.**

O conceito de gênero começou a ser utilizado como uma maneira de podermos entender melhor as relações de poder colocadas na sociedade atualmente. Relações essas que vão se constituindo a partir dos diferentes meios sociais.

O conceito de gênero tem sido utilizado pelos estudiosos e estudiosas feministas para fazer referência às relações de poder entre os sexos. Tais relações são constituídas no âmbito das diversas culturas, possuindo características bastante diferentes nas formas de ser homem ou mulher, menino ou menina, dependendo do contexto e de seus múltiplos atravessamentos: classe social, geração, grau de instrução, raça, etnia, etc. Essa relação é desenhada pela impossibilidade de se estudar/analisar homens e mulheres separadamente, uma vez que a elaboração de conceitos de masculinidade ou feminilidade só é possível na relação de reciprocidade entre eles/elas (BELLO, 2006, pg. 19)

Mesmo antes do nascimento já somos classificados/as como sendo do sexo masculino ou do sexo feminino, mas o modo de ser homem ou mulher não se origina disso. Somos constituídos a partir de nossas experiências e vivências culturais, que vão variando de acordo com o momento histórico e o contexto social.

Ser mulher de classe alta no Brasil, no início de século 20, pressupunha ser delicada, ficar restrita ao espaço doméstico, ter pouca educação formal, saber bordar e costurar. Assim, elas eram ensinadas a se enquadrar nesse modelo. Hoje em dia, ser mulher pode significar algo bem diferente, e varia muito de acordo com o lugar, a classe social, o momento histórico. (PISCITELLI, 2009, pg.124).

Como vemos a partir de Piscitelli na citação acima, o modo de ser mulher foi se modificando durante o passar dos tempos, notamos assim como esse modo de ser, vai se alterando, não é algo imutável, mas algo que vai se modificando em diferentes contextos e tempos históricos.

Não há como negar que existem diferenças fisiológico/anatômicas no que diz respeito ao sexo masculino e ao feminino, mas isso não impede que diferentes conformações de “identidade de gênero” se constituam, uma vez que essa é constituída no meio social e cultural. Segundo Weeks (2000, p.25) “embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo”, vemos então que a sexualidade e o gênero são constituídos por nossas experiências, ideologias e por isso é importante entender que o biológico também pode ser entendido como social quando estamos discutindo as “questões de gênero”.



As discussões acerca do gênero ganharam forças com as feministas, elas começaram a utilizar a palavra gênero para se referir a organização social da relação entre os sexos. Já em uma abordagem mais recente a utilização do termo “gênero”, começou a ser utilizado para enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções dos sexos. “A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’”. (SCOTT, 1995, p.72).

O termo “gênero” é uma forma de indicar as construções culturais, sobre como as posturas adequadas aos homens e às mulheres, é algo criado socialmente. Segundo Scott (1995), “Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. Assim, com toda a difusão dos estudos sobre sexualidade e sexo, a palavra “gênero” se tornou útil para poder distinguir as práticas sociais e as representações atribuídas às mulheres e aos homens. Nesse sentido, podemos pensar, como exemplo: a mulher como mãe, dona de casa e sempre associada as funções domésticas e o homem como o chefe de casa.

Pensando o conceito de gênero de forma ligeira e sem aprofundamento podemos pensar que o termo “gênero” é sinônimo de “mulheres”, é um conceito associado ao estudo de coisas relativas a elas. Mas é fundamental que esse conceito seja pensado por seu caráter relacional, pois para podermos estudar as mulheres é necessário também que se estudem os homens. Deste modo tornou-se necessário que os estudos não fossem centrados apenas nas mulheres e sim nas relações de gênero. “O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino” (SCOTT, 1995, pg.75), o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, não são esferas dissociadas.

Percebemos o que é masculinidade, para citar um exemplo, pelo movimento que é feito pelos sujeitos masculinos no sentido de se diferenciarem do que é feminino; da mesma forma é possível dizer que os sujeitos femininos também realizam este movimento de diferenciação. (BELLO, 2006, p. 18)

É pouco provável entendermos a construção do masculino sem entendermos como foi construído o feminino e vice e versa é uma categoria relacional e articulada. A palavra e o conceito gênero foi elaborado para se poder entender “as diferenças dos sexos” e as feministas, que buscavam os mesmos direitos dos homens, foram decisivas na formulação do conceito de gênero. Entre o final do século 19 e início do século 20, ocorreu a primeira onda do feminismo, que se caracterizou por uma mobilização pela ideia da igualdade dos

sexos. As feministas reivindicavam “direitos iguais”, tendo em vista, que na época a lei era diferente para mulheres e homens. (PISCITELLI, 2009, p. 126). Vemos assim que desde o início da trajetória da construção de gênero já era posto aí o caráter relacional do conceito. Elas começaram a utilizar esse termo, gênero, como uma maneira de explicar e mostrar que a diferença entre os sexos era produzida na cultura. Foi a partir dessa luta social, que surgiu a ideia principal e fundamental para a construção desse conceito.

As relações de gênero não devem ser baseadas apenas ao caráter relacional entre homem e mulher, mas essas também devem estar vinculadas com as relações que ocorrem na sociedade. Segundo Oliveira (1998, p. 91), “As relações de gênero compõem a tríade analítica que ajuda a esclarecer os mecanismos pelos quais poder e recursos são socialmente distribuídos”. Assim, as relações de gênero são algo central para a nossa vida social e intervêm nas nossas vidas juntamente com outros atravessamentos tais como classe, etnia e raça

Segundo Veiga-Neto (2005, p.143), que traz a visão de Foucault sobre o poder, ele, o poder, iria agir de modo que aquele que se submete à sua ação o recebe, aceita e toma como natural e necessário, deste modo o gênero também é uma forma de dar significado às relações de poder, segundo a definição de Scott (1995), gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. Ser homem ou ser mulher nos faz estar e ver o mundo de forma diferente. “E, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder.” (LOURO, 1992, p. 106).

O conceito de gênero não precisa ser entendido apenas como uma categoria histórica, mas, também, é uma categoria política que nos ajuda a entender as igualdades e diferenças dentro da nossa sociedade. Segundo Araújo (2005, p 44)

A questão da diferença entre os seres humanos é parte da história da humanidade. Está presente nos mais diversos discursos – filosófico, religioso, biológico/científico, psicológico, antropológico e social. Mas é na modernidade que esse tema ganha maior relevância como objeto de análise.

O termo gênero começou a ser mais difundido como uma forma de desnaturalizar as diferenças dos homens e mulheres como algo inato e que são derivados da “natureza”, e que a desigualdade seria pautada nessas diferenças. Com as novas noções sobre as questões de gênero foi visto que o caráter das diferenças entre homens e mulheres advinha do social e cultural.

As discussões sobre gênero atualmente são de extrema importância, para não só, perceber de forma melhor os excluídos e minorias, minorias essas se referindo ao poder e não a quantidade, mas para que também possamos entender as relações e disputas de poder que estão postas hoje no nosso meio social.

O entendimento do gênero como categoria social de análise nos ajuda a entender como foi construída a relação entre homens e mulheres e as diferenças sexuais entre eles, a partir dele podemos perceber como os papéis sociais são uma construção social e histórica. Através do gênero, fica ainda mais claro de entendermos como a masculinidade é majoritariamente construída a partir das influências sociais e não apenas pelo biológico, isto é, onde o caráter social sobrepõe o caráter biológico neste processo.

### 3. A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE: “NÃO SEJA O FILHINHO DA MAMÃE”.

Ensinamos as meninas a serem agradáveis, boazinhas. Mas não ensinamos isso aos meninos. (ADICHIE, 2017, p.48)

A forma de cada pessoa se constituir deve ser pensada como um processo que se desenvolve ao longo da vida e em diferentes tempos e espaços. Nosso corpo e nosso sexo é algo biológico, nossos cromossomos vão “dizer” a que categoria nos enquadrados: XX para mulheres e XY para homem, mas por mais que o corpo “diga” a qual sexo pertencemos, nossas identidades vão se constituindo através de nossas experiências. Segundo Weeks (2009, p.25) Apesar da sexualidade fazer parte do corpo biológico, esse sendo o lugar em que ela pertence, a sexualidade rompe essa barreira, a sexualidade é mais que simplesmente o corpo. A sexualidade está ligada não só a nosso corpo, mas também com nossas crenças, ideologias e experiências.

Antes mesmo de as crianças nascerem, ao descobrirem o sexo do bebê, os pais já pensam nelas de forma diferente, compram roupas diferentes, decoram o quarto de forma diferente e compram brinquedos diferentes, assim a maneira que essas crianças vão se constituir é definida em grande medida pela forma que os pais criam essas crianças.

Mas essa construção não se dá apenas pela família, mas também em outras instancias da sociedade, em especial pelas instituições de ensino nas quais as crianças estão inseridas. Elas aprendem muito mais que apenas o que está posto no currículo, também aprendem como se comportar como meninas e meninos heteronormatizados.

Os sujeitos aprendem através das pedagogias culturais, onde eles aprendem em diferentes instâncias sociais e culturais. “A pedagogia desses lugares provoca nos sujeitos movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo”. (ELLSWORTH, 2005, p. 1 *apud* ANDRADE E COSTA, 2017 p. 6).

Todos os ensinamentos que ocorrem durante a construção da identidade dessas crianças são, por muitas vezes exteriores ao conteúdo apresentado dentro escola. Todos os espaços sociais em que estão inseridas podem ser considerados espaços pedagógicos. A cada desenho que a criança assiste, cada brincadeira que brinca, cada livro que lê, tudo isso resulta em alguma forma de aprendizagem para essa criança. Em tudo isso há uma intenção educativa, eles instigam e possibilitam aprendizagens.

A escola hoje não é mais o único local privilegiado de estudo, todas as diferentes esferas sociais são constituidoras de conhecimentos.

Nós, como sociedade, educadores e família, contribuimos para que desde a mais tenra infância as crianças aprendam a se comportar de acordo com os padrões que acreditamos serem verdadeiros para o sexo masculino e feminino. Esses padrões muitas vezes são ensinados de forma intransigente as crianças, que durante processo, elas vão aprendendo o que é feminino e o que é masculino, desde a infância.

A masculinidade branca e heterossexual é o exemplo mais claro da regra, não é problemática e acima de tudo é considerado o “natural”, mas apesar disso essa masculinidade também é a mais controlada e vigiada. As várias instâncias sociais, principalmente a família e a escola, dedicam-se para poder garantir a heterossexualidade. Há uma vigilância constante para os corpos dos meninos. “Uma vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas que é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a examinar, controlar e governar.” (LOURO, 2000, p.69).

Bello (2006, p. 11) traz em seu texto memórias de sua infância, em que podemos perceber como essa vigilância acontece. “Lembro que desde muito cedo meu irmão e eu tínhamos que falar com voz “grossa”, não podíamos sentar, caminhar ou brincar de qualquer maneira, pois havia uma vigilância constante sobre as coisas cotidianas.”

Essa rede de vigilância no mundo masculino faz com que o homem tenha poder sobre os outros homens, mas não tenha poder sobre si próprio, ele domina os outros, mas não tem o poder de decidir sobre suas próprias escolhas. O homem, em sua maioria, tenta a todo tempo dominar as situações e os outros, mas esse homem não pode dominar seu próprio jeito de ser, pois pode ser considerado “não masculino”, se decidir fugir dessas amarras.

A masculinidade hegemônica é construída se contrapondo a feminilidade e, também, muitas vezes, se opondo a todas as outras formas de ser homem. A masculinidade hegemônica não significa apenas uma forma de ser homem, mas sim que existe um padrão, com normas e comportamentos a serem seguidos. “Na cultura contemporânea, ser ‘homem de verdade’ implica não somente em não ser mulher mas também e, principalmente, não ser homossexual ou, mais precisamente, não ser penetrado, não ser passivo”. (MEDRADO, LYRA, 2002, p. 69)

Segundo Louro, “observamos que desde os primeiros anos de infância os meninos são alvo de uma especialíssima atenção na construção de uma sexualidade heterossexual”.

(2009, p. 91). Desde pequenos podemos notar que os meninos ficam ofendidos quando alguém os chama de “menininha”, “viadinho”<sup>5</sup> e outros adjetivos que sugerem inferioridade perante os demais colegas do gênero masculino. Dizer que uma mulher “é o cara!” não é ofensa na nossa sociedade heteronormatizada, configura-se, inclusive, como elogio, entretanto chamar um homem de menininha não é apenas algo ofensivo, é uma ofensa avassaladora. É uma ofensa que coloca sua forma de viver “à prova.” Outra forma depreciativa é quando o menino que é mais próximo a mãe é chamado de “filhinho da mamãe”, a figura da mãe sempre esteve ligada ao afeto, ao cuidado e a empatia, então ele como um menino não deveria estar sendo ligado a esses tipos de sentimento, não pode remeter algo feminino a ele.

O que nos mostra que a não afirmação da sua masculinidade os torna “fracos” e inferiores, ou seja: ser menininha é tido como “insulto”, algo ultrajante e que os humilha, fazendo assim com que eles não queiram nunca serem comparados com as mulheres e homossexuais, por conta da suposta “fragilidade” desses grupos.

Para se ‘enquadrarem’ na masculinidade hegemônica, os meninos, além de precisarem exaltar o tempo todo características como, coragem, agilidade e força, precisam demonstrar certa aversão a tudo aquilo que se aproxima da feminilidade e da homossexualidade. (GUIZZO, 2013, p. 33)

Esta ebulição de sentimentos durante a infância nos faz buscar entendimento sobre os ensinamentos que posteriormente poderão virar comportamento dos homens em relação as mulheres. Vemos assim que a construção da masculinidade está pautada em desprezar tudo aquilo que remeta ao feminino. “Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino.” (LOURO, 2000, p.70).

Ainda, segundo Connell (1995, p. 190) “Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto”.

Existe um dimorfismo nessa construção social do gênero, uma estrutura binária, tendo como possibilidade apenas um determinado tipo de feminino e masculino. Um como oposição ao outro. E é a partir disso que serão atribuídas as características do que é ser feminino e do que é ser masculino.

A mulher é o oposto, o "outro" do homem: ela é o não-homem, o homem a que falta algo, a quem é atribuído um valor sobretudo negativo

---

<sup>5</sup> “viadinho” e não “veadinho” por ser uma forma ainda mais pejorativa.

em relação ao princípio primeiro masculino. Da mesma forma, porém, o homem é o que é apenas em virtude da negação desse outro, ou desse oposto, definindo-se a si próprio em contraposição a ele sendo, portanto, toda a sua identidade atingida e ameaçada pelo mesmo gesto com que busca afirmar sua existência singular e autônoma. A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora de seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele não é e, portanto, uma lembrança essencial daquilo que ele é. Assim, o homem precisa desse outro, mesmo que o despreze, e é obrigado a dar uma identidade positiva àquilo que considera como não-coisa, como nada. Não só o seu próprio ser depende parasitariamente da mulher, e do ato de excluí-la e subordiná-la, mas também uma razão pela qual tal exclusão é necessária está no fato de que a mulher pode, afinal de contas, não ser um outro assim tão diferente. Talvez ela represente um signo de alguma coisa no homem que ele precisa reprimir, expulsar para além de seu próprio ser, relegar a uma região seguramente estranha, fora de seus próprios limites definitivos. (EAGLETON, 1983, p. 199/200)

Eagleton, através dessa longa citação, nos ajuda a compreender as oposições binárias. Mostrando que um ser não apenas depende do outro, mas também contém o outro em si. É uma relação de interdependência.

É necessário que haja uma desconstrução desse binarismo de gênero, pois fala-se de “ser homem” como se todos eles fossem iguais, não falando aqui das características biológicas mais sim da visão social do gênero masculino, a famosa masculinidade hegemônica.

poucos homens [são os que] detém o conjunto completo dos atributos prescritos para a masculinidade hegemônica, e talvez se possa dizer que são mesmo poucos aqueles que conseguem reunir uma quantidade razoável daqueles atributos. Desta forma, muitos homens mantêm alguma forma de conexão com o modelo hegemônico que não cumprem na totalidade. Investir nestas características que permitem a conexão com o modelo dominante torna-se importante como forma de desfrutar dos privilégios àqueles concedidos. (SEFFNER 2003, p. 137)

Ainda na infância, as crianças aprendem como se comportar de acordo com os padrões considerados normais e adequados tanto para o feminino, quanto para o masculino. Segundo Guizzo, “Espaços, jogos, falas, práticas pedagógicas, brinquedos, atitudes podem auxiliar na forma como elas vão aprendendo a se tornar homens ou mulheres.” Ainda que hoje seja muito discutido o conceito de gênero, os padrões são por vezes ensinados de forma rígida, assim todas essas questões de que meninos não choram, meninos são fortes e corajosos, meninos não usam rosa nem brincam de bonecas, contribuem para a constituição da masculinidade desde de a mais tenra idade. Mas é importante pontuar que a vida não é apenas dessa forma: causa/efeito, nem todos os

meninos que são apresentados a essa forma normatizada de viver e pensar virão a ser adultos heterormatizados, mostrando assim que por mais que tentemos garantir a masculinidade nem sempre essa tentativa será bem-sucedida. E, mais que isso, nos mostra que a heterossexualidade compulsória <sup>6</sup>não é uma atributa “naturalmente”

Guizzo nos traz também que desde de o século XVII e XIX já se falava sobre as diferenciações de gênero e já se reforçava a ideia do menino como aquele que deveria ocupar lugares de prestígio na sociedade. “...a masculinidade estava voltada para as atividades e os comportamentos que envolviam coragem, trabalho, competição e perseverança.” (GUIZZO, 2013, p. 30), vemos assim que as coisas que supostamente envolvem a feminilidade, como o cuidado e o amor, não fazem parte do que é visto como o “padrão masculino”.

Quando falamos da construção da identidade de gênero, estamos falando de uma construção que está ancorada em representações sociais e culturais que exercem um papel importante nessa constituição da identidade.

No próximo capítulo, trarei apontamentos sobre como essa construção da identidade, pode afetar de alguma forma a vida adulta dos meninos e também a nossa sociedade.

---

<sup>6</sup> Conceito desenvolvido por Adrienne Rich (2010), em que a heterossexualidade aparece como imposição naturalizada, que constitui a feminilidade como subalterna.



#### 4. VIOLÊNCIA É COISA DE HOMEM?

Em fevereiro de 2017, um torcedor do Botafogo foi assassinado por torcedores do Flamengo antes da partida entre os times, ele foi perfurado diversas vezes por um espeto de churrasco. (VEJA, 2017). Em janeiro de 2017 um motim no complexo penitenciário Anísio Jobim (Compaj), em Manaus deixou 56 mortos. (HENRIQUES; GONÇALVES; SEVERIANO, 2017). Todos os dias, se ligarmos a TV em algum canal de notícias, veremos pelo menos um caso de violência que ocorreu no Brasil ou em algum lugar do mundo. Uma briga entre torcidas de futebol, um acidente de trânsito, um homicídio e os diversos conflitos de guerra que ocorrem pelo mundo.

As violências são ações de raízes históricas e sociais e ainda hoje fazem parte da nossa realidade. Vivemos em uma sociedade violenta e um dos exemplos claros disso são as guerras, um tipo de violência institucionalizada, produzida e promovida pelo governo e em muitos dos casos apoiada pela população.

Em 2002 a Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, em que pela primeira vez se pronunciou em relação a violência de uma forma mais incisiva do que vinha tratando anteriormente, a OMS define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG et al., 2002, p. 5).

Assim, define-se a violência como a prática do ato propriamente dito, independente do resultado. Existem diferentes formas de conceituar a violência, algumas que se divergem e outras que coincidem, mas independente do conceito, a violência sempre tem um resultado negativo e atinge as pessoas de forma direta ou indireta.

Ao analisar gráficos e pesquisas, observa-se que a violência é majoritariamente cometida e sofrida por homens, uma pesquisa sobre os homicídios que ocorrem no mundo, publicada pelo Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crimes (UNODC), aponta que 95% dos autores de assassinatos no mundo são homens (2014, p. 11). Em 2015, o IBGE, divulgou os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), o estudo aponta que 19,8% dos estudantes praticam bullying contra outros

estudantes nas escolas e nesses casos os meninos são, também, a maioria. Dentre os meninos, o percentual é de 24,2% e entre as meninas, 15,6%. Nas pesquisas sobre brigas, observa-se que 23,4% dos jovens, que foram entrevistados, responderam ter tido, pelo menos uma vez, envolvimento em briga: 30,3 % dos meninos e 16,8% das meninas. (IBGE, 2015).

Destaca-se, também, que essa violência não é apenas a que o homem comete contra os outros, mas também contra ele mesmo. Segundo a Organização Mundial de Saúde, os índices de suicídio são maiores entre os homens do que entre as mulheres (18,9 para cada 100 mil contra 10,6 para cada 100 mil) (2002, p.10).

O IPEA divulgou o Atlas da Violência de 2017 e os números são claros, os homens também são as principais vítimas dessa violência desenfreada.

a participação do homicídio como causa de mortalidade da juventude masculina, entre 15 a 29 anos de idade, correspondeu a 47,8% do total de óbitos (e 53,8% se considerarmos apenas os homens entre 15 a 19 anos). Nesse último ano, 60,9 indivíduos para cada grupo de 100 mil jovens, entre 15 e 29, foram mortos. Se considerarmos apenas a juventude masculina, este indicador aumenta para 113,6. (CERQUEIRA et al., 2017, p.55).

Em diferentes pesquisas, sobre outros tipos, o resultado é o mesmo: Seja na violência no trânsito, na mortalidade dos homens, no consumo de drogas e bebidas alcoólicas ou na violência sexual os homens se destacam nos índices. As pesquisas demonstradas acima, foram apenas alguns exemplos que resolvi utilizar para elucidar o fato de que quando se trata de violência, esses crimes são majoritariamente cometidos e sofridos por homens. Todas essas formas de violência são um dos principais aspectos da nossa sociedade dominada por homens. Podendo-se pensar que isso se deve principalmente a esse tipo específico de masculinidade a que me referi em capítulo anterior.

A partir dos resultados destas pesquisas podemos pensar que, talvez, esse comportamento violento dos homens, seja resultado da representação produzida para um determinado tipo de masculinidade. Os “masculinos” precisam estar sempre defendendo esse *status*.

Segundo Welzer-Lang, “a violência é onipresente nas nossas sociedades[...]e ela é, antes de mais nada, principalmente, masculina.” (2004, p.113). As violências, servem muitas vezes como uma maneira de exprimir um sentimento, de “colocar para fora”. Segundo Connell (1995, p.190):

A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres.

A violência de gênero, também é um dos tipos mais comuns da violência que o homem comete, segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, nos Estados Unidos e no México, 40 a 52% das mulheres que vivenciam violência física praticada por um parceiro íntimo (KRUG et al., 2002, p.149). Segundo Minayo a violência de gênero “constitui-se em formas de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construídas, reproduzidas na cotidianidade e geralmente sofridas pelas mulheres” (2007, p.36). Esses abusos não são casos isolados, ocorrem em qualquer lugar do mundo com qualquer mulher e o machismo naturalizado, que existe hoje na sociedade, é o caso mais claro da violência de gênero.

Como vimos acima, com os resultados das pesquisas, essa reafirmação da superioridade dos homens gera diversas formas de violência na sociedade como: o controle e violência contra as mulheres, o heterossexismo, misoginia, homofobia e entre outros.

Apesar de alguns casos não envolverem a violência física, alguns homens costumam utilizar como recurso a violência psicológica com aqueles que eles consideram desviantes do comportamento considerado “normal” para o homem e aos que são “inferiores” a eles. A violência no sentido de se colocar em posição superior ao outro. Normalmente essa violência direcionada aos homossexuais e mulheres. Segundo Kaufman (1994, p. 13) “esses atos de violência são um tipo de ritualização das relações de poder da sociedade: o dominante e o dominado, o ativo e o passivo... o masculino e o feminino.” A construção da identidade é sempre formada em relação ao outro, ao que ele não é, uma construção pautada na premissa binária de pensar o gênero. “A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas definidas como “outros” ou forasteiros”. (WOODWARD, 2000, p 50). Como forma de provar sempre que ele não é, ele precisa excluir e se afastar do outro.

A relação de poder masculina sobre os que eles consideram “inferior” é construído na organização social e está estruturado profundamente dentro dela. “Tomar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia.” (LOURO, 2000, p 69). Na nossa cultura ser homem não é

somente não ser mulher é também e principalmente não ser homossexual, nem nada que remeta a isso.

Quando falamos sobre meninos podemos pensar que há um recrudescimento desse desígnio. Meninos precisam provar para os que estão à sua volta que são homens de “verdade”, tendo muitas vezes que exaltar suas características de força e coragem para se enquadrem no modelo de masculinidade hegemônica.

No entanto, essa exaltação dos símbolos masculinizantes ligados à dominação e à força pode levar a um descontrole das emoções violentas, ou ainda, a uma exaltação de modelos de masculinidade brutalizados. (ROSA, ROSA p.5, 2010).

Ao descobrirem que o bebê é menino já se vem uma ideia de que o sujeito deve ser viril, forte e brigão e é um pensamento que permeia toda a infância da criança. Desde pequenos os meninos já são apresentados, através de brinquedos e brincadeiras de armas, carros e espaços radicais, ao “universo” masculino. Esse universo masculino, se constitui com tudo o que consideramos “naturais” para os meninos, esses símbolos já estão naturalizados como sendo parte importante da construção da masculinidade.

Nesse sentido, o comportamento violento serve de condutor para uma construção de identidade pautada na força, coragem e superioridade em relação aos mais fracos, para assim concretizar seu *status* de ser verdadeiramente homem e para provar, mais para os outros o que para ele mesmo, que ele é um “homem de verdade”. “Como honra [...] a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de verdadeiros homens”. (BOURDIEU, 1998, p.65).

Existe hoje o que podemos chamar de uma tríade da violência dos homens, a violência que eles praticam contra as mulheres, a violência contra outros homens e a violência contra eles mesmos. Esse modo em que a violência está situada na sociedade em que vivemos e é baseada nas estruturas de dominação e controle, elas não são só a base para essa tríade, mas também é o que gera e naturaliza a violência da sociedade hoje.

Corroboro com Kaufman quando ele diz que não devemos falar “violência masculina” e sim “violência dos homens”, pois quando estamos falando de masculino trazemos aqui um caráter biológico, mas na realidade essa violência é totalmente relacionada ao gênero. (1994, p.13). Eles não só aprendem, mas são criados a pensar que para ser homem é preciso ser forte e resistentes.

Acredito ser importante pontuar que não quero discutir/afirmar se os homens são pré-dispostos a violência, mas sim o que nós, enquanto sociedade, fazemos com essa

violência e como colaboramos para a sua produção. Sabemos que a construção da masculinidade é, muitas vezes, pautada em um excesso de agressividade e essa violência acaba por ser institucionalizada e naturalizada na vida dos homens. Essa violência não é ruim para todos que o cercam, mas sendo algo destrutivo para ele mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembro-me da minha infância de forma clara, era e sou até hoje apaixonada por futebol, amava tudo que envolvia os campos/estádios/arenas. A emoção do gol, a raiva das faltas e a paixão da torcida, mas lembro também de uma frase clássica de meu pai “Nada de jogar futebol Maria, isso é coisa de menino!” e eu sempre pensava que gostaria muito de ser um menino, para poder agir e fazer o que bem entendesse sem precisar ser vigiada e controlada o tempo todo. Mas depois que cresci e iniciei minha trajetória na educação, pude perceber que minha visão em relação aos meninos era totalmente errônea. Os meninos, assim como nós meninas, também são o tempo todos vigiados e controlados. E que nenhum dos dois, na infância, está em uma posição privilegiada ao outro quando se diz respeito as amarras e os padrões que os adultos impõem sobre eles.

A partir de todas as lembranças que deixaram marcas na minha história, estas questões começaram a se inquietar dentro de mim e por isso resolvi tentar entender o porquê disso acontecer, o porquê de nós como adultos tentarmos controlar tudo e todas as ações das crianças, para que elas estejam sempre encaixadas nos padrões de gênero.

Inicialmente queria apenas entender a construção da masculinidade e a forma que nós, como adultos criamos as crianças, principalmente os meninos, mas esta pesquisa sofreu diversos atravessamentos e acabei por trazer não só a forma de criar os meninos mas como essas maneiras influenciam na vida adulta desses e também na sociedade em que vivemos hoje.

O propósito principal dessa pesquisa foi o de levar a reflexão sobre a construção da masculinidade e suas implicações na sociedade busquei trazer algumas contribuições para as discussões da masculinidade hegemônica e violência presente hoje, e a partir dessa pesquisa, pude perceber como, em alguma medida, a construção da masculinidade pautada em violência e agressividade repercute em nossa sociedade, e pode ser entendida como algo destrutivo para o homem e para a própria sociedade. Uma vez que essa masculinidade tendo a violência como um tipo de signo, acaba por criar homens, muitas vezes, agressivos e “descontrolados”, homens que tentam sempre ser superiores aos demais, principalmente o que ele considera como inferiores a ele, em uma luta constante por poder.

Tanto a masculinidade como a feminilidade são socialmente construídos, a partir do sexo biológico da criança, ditamos regras e indicamos os papéis que elas devem seguir para se enquadrarem no padrão. Sendo assim, as relações de gênero são um reflexo dessa construção, onde essa é caracterizada pelo poder dos homens sobre as mulheres e tudo isso caracteriza a dominação masculina na sociedade.

Vivemos em uma sociedade com uma vasta diversidade cultural e social, com uma pluralidade de identidades de gênero e sexuais, hoje, é inviável se pensar em uma hegemonia de gênero, em um binarismo. Seguindo o pensamento de Bauman sobre uma liquidez e fluidez da era moderna, acredito que as masculinidades também são fluídas. Elas “vazam” e “transbordam” não é algo sólido.

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. (BAUMAN, 2001, p.8)

Dar-lhes forma é muito mais fácil que manter-lhes nessa forma, é necessário que exista uma grande manutenção para que essa criança não fuja de seu molde. Sabemos hoje que existem múltiplas masculinidades e ao tentarmos definir suas características por conta de seu sexo estamos o limitando da verdadeira potencialidade que é “ser” humano. O menino nunca deve fazer ou deixar de fazer alguma coisa “por que ele é um menino”, isso não deveria ser uma razão para nada. É necessário desconstruir a masculinidade e entender que essa é formada e construída a partir das relações sociais.

é necessário desmistificar, desnaturalizar e historicizar a masculinidade e suas investidas, desvelando os processos de naturalização e regulação de uma posição de gênero normativa que pressupõe uma heterossexualidade naturalizada que subalterniza todas as outras expressões, estilos/performances de masculinidades, as quais desestabilizam o modelo de masculinidade branca, heterossexual e viril. (SILVA, 2015, p.5)

Devemos entender que a identidade de gênero é algo plural e que não deve ser pensada como algo simplista, como algo natural. Essas identidades são adquiridas ao longo da vida a partir de vivências e experiências.

É uma construção pessoal/social que se forma ao longo da vida, num processo contínuo e complexo, que articula aspectos biológicos/fisiológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos, e que pode ser vivenciada a partir de diferentes possibilidades em relação às orientações sexuais (hétero, homo e bissexualidade) e às identidades de gênero (percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme o convencionalmente estabelecido). (CAMPOS, 2015, p.2)

A discussão sobre gênero ainda está longe de ganhar espaço dentro das escolas, tendo em vista, que o governo vem tentando incansavelmente proibir esta temática dentro das escolas. As práticas educacionais não podem negligenciar a sexualidade e o gênero essas, tem uma grande dimensão histórica e social, quando a escola e os educadores ignoram essa temática acabam assim (re)produzindo preconceitos, discriminações e exclusão. Acredito que ainda exista hoje um despreparo e um desconhecimento em relação ao tema, muitos desses educadores não sabem como abordar e o que abordar e talvez ainda exista a falta de preparo e a insegurança de professores na abordagem do tema.

A escola deve ser um espaço de formação humana, transformação e aprendizagem, ao excluirmos esse tipo de temática das escolas estamos também excluindo as crianças que não se encaixam nesses padrões.

Todos nós temos o dever de ampliar os entendimentos sobre o que significa ser homem, para nós mesmos, e para os meninos de nossas vidas. Não é sobre transformar os garotos em algo que eles não são, mas ajuda-los a descobrir quem eles realmente querem ser, respeitar suas decisões e escolhas, sobre o que querem brincar, vestir e fazer, para que assim esses possam crescer de forma saudável e mais feliz.

Para concluir acredito que alguns conceitos que foram tratados muito brevemente aqui deverão ser melhor explorados em pesquisas futuras. O tempo que nos é disponibilizado para a elaboração deste trabalho é demasiado curto, não sendo possível a apropriação adequada de todos os conceitos que precisam ser mobilizados para que as discussões sejam mais aprofundadas. Ao longo do meu texto trago conceitos como objetivação/subjetivação, poder, pedagogias culturais de forma muito breve. Isso se deve não ao meu desinteresse de trata-los, mas, sim, na falta de fôlego para tal empreitada. Encerro este TCC com a sensação de que muito “caminhei” em minhas escolhas teóricas e muito aprendi durante minha trajetória, mas com a certeza de que esse caminho ainda é longo e de forma alguma infundável.



## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: Um Manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. NOS RASTROS DO CONCEITO DE PEDAGOGIAS CULTURAIS: INVENÇÃO, DISSEMINAÇÃO E USOS. **Educação em Revista**, [s.i.], v. 33, n. 1, p.1-23, jun. 2017.

AUSTRIA. UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. (Ed.). **Global Study on Homicide**. Viena: Unodc, 2013.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.41-52, 2005. FapUNIFESP (SciELO).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>> . Acesso em: 8 de maio de 2018.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos Infantis Masculinos: Homens por vir?**. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação (bauru)**, [s.l.], v. 21, n. 4, p.1-4, dez. 2015.

CERQUEIRA, Daniel et al (Org.). **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. 69 p.

CONNELL, Robert W.. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.185-206, dez. 1995.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada. **Infâncias, gênero e sexualidade: nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ulbra, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio 1995. Trimestral.

HENRIQUES, Camila; GONÇALVES, Suelen; SEVERIANO, Adneison. **Rebelião em presídio chega ao fim com 56 mortes, diz governo do AM**. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/rebeliao-no-compaj-chega-ao-fim-com-mais-de-50-mortes-diz-ssp-am.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

KAUFMAN, Michael. The Construction of Masculinity and the Triad of Men's Violence. In: KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A.. **Men's Lives**. Massachusetts: Allyn & Bacon, 1994. p. 1-15.

KRUG, Etienne G. et al (Ed.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: World Health Organization, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.59-76, jul. 2000.

\_\_\_\_\_. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, 1992.

\_\_\_\_\_. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério. (org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

LOVELACE, Amanda; **The Witch Doesn't Burn in This One**. 3. ed. United States Of America: Andrews Mcmeel Publishing, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: Sousa ER, organizadores. **Curso impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP; 2007. p. 24-35.

MEDRADO, B. & LYRA, J. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin. **Coletânea gênero plural**, 2002.

NACIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. Violência é coisa de homem?: A "naturalização" da violência nas falas de homens jovens. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 14, p.1151-1157, jul. 2009.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Discursos sobre masculinidade**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 6, n. 1, 1998, p. 91-112.

PISCITELLI, Adriana. Gênero, a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.p. 119-149.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, p. 17- 44.

ROSA, Fátima Sabrina da; ROSA, Jaqueline Costa da. MENINOS NEGROS NA FASE: DISCURSOS SOBRE MASCULINIDADE E SOCIABILIDADE VIOLENTA. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO, 1., 2010, Florianópolis. **COMUNICAÇÃO ORAL CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS APLICADAS, LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES**. Florianópolis: S.i., 2010. p. 1 - 249.

SILVA, Natanael de Freitas. HISTORICIZANDO AS MASCULINIDADES: CONSIDERAÇÕES E APONTAMENTOS À LUZ DE RICHARD MISKOLCI E ALBUQUERQUE JÚNIOR. **História, Histórias**, Brasília, v. 3, n. 5, p.1-16, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2). jul/dez, p. 5-22, 1995, p. 14.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. [Tese] Doutorado em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.59-70, mar. 2005.

STEINEM, Glória. **A Word with Gloria Steinem**. Entrevista concedida a Graeme Green em maio de 2016.

The Mask You Live In. Direção de Jennifer Siebel. S.I., 2015.

The Mask You Live In: Sinopse e Detalhes. Sinopse e Detalhes. 2015. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-234322/>>. Acesso em: 18 junho 2018.

VEJA. **Torcedor foi morto a golpes de espeto de churrasco**. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/torcedor-foi-morto-a-golpes-de-espeto-de-churrasco/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

VIEGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação v**. Nova Floresta: Autentica, 2005.

WEEKS, Jeffrey (Org.). O corpo e a sexualidade. In: LOBO, Guacira Lopes. **O CORPO EDUCADO: PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000. p. 1-127.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004; CECCHETTO, op. cit., 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 7-133.

